

Viajando com Luana e Kiriku, uma aventura entre Brasil e África

Daniela Fagundes Portela¹

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo relatar as práticas educativas desenvolvidas no projeto “*Viajando com Kiriku: Uma Aventura entre o Brasil e África*”, realizado na EMEI CEU PAZ, na cidade de São Paulo, com crianças de 5 anos de idade.

Seu tema central é a abordagem das questões étnico e raciais na educação infantil. Trata-se do reconhecimento e do cumprimento da legislação 11.645/07, mas principalmente do direito das crianças negras, indígenas e brancas de terem acesso à história e cultura dos seus antepassados de forma igualitária, positiva e afirmativa.

PALAVRAS-CHAVE: Criança Negra, Infância e Representatividade.

INTRODUÇÃO

Com os aportes teóricos dos estudos de Cavalleiro (1998), das pesquisas do campo da sociologia da infância e da produção sobre a temática das relações étnicas e raciais na educação infantil, que emergem como suporte para o cumprimento da lei 10.639 /03, atual 11.645/08, a qual tornou obrigatória a inclusão da história africana e indígena nos currículos escolares, tornou-se possível planejar, organizar e executar as atividades que foram realizadas ao longo do projeto.

No percurso de construção e execução do projeto, a criança foi entendida enquanto sujeito histórico e a infância foi compreendida como categoria social que faz parte da estrutura política, social e econômica da sociedade. Sendo assim, as infâncias e as crianças que vivem em uma sociedade em que as disparidades de raça, gênero e classe social predominam, demarcam e definem as relações sociais, têm suas infâncias impactadas por essas desigualdades que conseqüentemente refletem no espaço escolar.

O projeto “Viajando com Luana e Kiriku, Uma Aventura entre o Brasil e a África” surge a partir da indagação das próprias crianças, em especial as meninas, sobre a existência ou não de heroínas na sequência de filmes “Liga da Justiça”.

¹ Doutora em História da Educação e docente da Prefeitura Municipal de São Paulo. E-mail: danifportela@uol.com.br

Neste sentido, pensando no papel do professor enquanto mediador e em sua função de ampliação do repertório cultural das crianças, foi apresentado em uma das rodas de conversas o livro “Luana: a menina que viu o Brasil Neném”, FAUSTINO;MACEDO,(2000) história que descreve as aventuras de uma menina de 8 anos que apresenta elementos fundantes da Cultura Afro-Brasileira e Africana, a partir de uma perspectiva do universo infantil.

Para tal feito, foram desenvolvidas as seguintes atividades: rodas de conversa, leitura de mapas, dicionário com as palavras que aprendíamos durante a leitura das histórias, elaboração de lista de palavras, apreciação da música “*Mama África*”² de Chico César, construção de um gráfico de tipo de cabelo da turma, confecção de painel do livro “O cabelo de Lelê” BELÉM, (2012) ; confecção da boneca de papel da Bintou, modelagem com argila da Galinha d’ Angola, a partir da leitura do livro “Bruna e Galinha d’ Angola”, ALMEIDA,(2003) atividades de autorretrato; atividade de recorte de revistas; atividades de reconto para outras turmas da escola; e, por fim, escrita coletiva e confecção do livro “Viajando com Kiriku: Uma aventura entre o Brasil e a África”.

O campo dos estudos da Sociologia da Infância, ao definir novos conceitos de criança e infância, possibilitou aos pesquisadores da infância, de modo geral e também aos pesquisadores e pesquisadoras da temática da infância e relações raciais, um conjunto de reflexões sobre a importância da proposição de práticas pedagógicas que promovam a igualdade racial dentro do ambiente escolar, em especial em sociedades nas quais as desigualdades demarcam relações de hierarquia entre os diferentes grupos sociais e raciais.

Destacamos dentro do campo da sociologia da infância, o estudo de Qvortrup (2011) “Nove teses sobre a Infância como um fenômeno social”, o qual descreve a infância enquanto categoria dentro da estrutura social, política e econômica e também nos provoca a compreender que a categoria geracional é o que demarca as relações em torno da infância dentro da sociedade.

Um dos principais apontamentos do autor citado é que as crianças são parte integrante da sociedade e sua condição de existência e de vida são diretamente afetadas pelas forças estruturantes da sociedade, como descreve posteriormente:

Haverá alguém, em qualquer circunstância, pensando nas consequências para as crianças, por exemplo, do tratado de Maastrich ou do mecanismo de taxa de câmbio ou da crise dos mercados financeiros, etc? Imediatamente após acordos desse tipo, o que se discute e escreve em primeiro lugar são as análises políticas e econômicas, que avaliam as consequências para a Europa; em segundo, as análises sobre os efeitos no próprio país; em terceiro, as organizações e seus analistas profissionais os exploram intensivamente com vistas a prever

² CHICO CÉSAR, *Mama África*, Rio de Janeiro: Mza Music: 1996.

as repercussões para o comércio, a indústria, a agricultura, o movimento trabalhista, etc. Ninguém se pergunta, contudo, o que isso significa para as crianças - para sua vida cotidiana, para seu bem-estar econômico, social e cultural (Qvortrup, 2011, p.3).

No trecho destacado, Qvortrup descreve uma situação restrita à região do leste Europeu, onde os acordos econômicos e políticos descritos certamente impactaram a estrutura da sociedade. Em seus estudos, o autor apresenta o conceito da infância enquanto um fenômeno social que faz parte da sociedade. Sendo assim, é diretamente influenciada pelas forças econômicas, políticas e sociais presentes na sociedade, ainda que, como o autor descreveu: “Ninguém se pergunta, contudo, o que isso significa para as crianças- para sua vida cotidiana, para seu bem-estar econômico, social e cultura” (2011, p. 3).

Ao refletirmos sobre esses conceitos destacados anteriormente, pensando no cenário de desigualdade racial na sociedade brasileira, como será que a infância de meninas e meninos negros e brancos são impactadas diariamente dentro desse cenário de disparidade?

Os dados sobre racismo na infância brasileira apresentados no relatório da UNICEF em 2010 apontam que:

Quadro 1 - Impacto da pobreza na Infância entre crianças negras e brancas – Brasil (2010)

Crianças	Pobreza
Negras	56%
Brancas	32%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados recolhidos do relatório da UNICEF, 2010.

Os dados apresentados no quadro 1 descrevem que 56% das crianças negras vivem em situação de pobreza, que atinge apenas 32% das crianças brancas.

Em relação ao direito da sobrevivência, o relatório descreve que:

- 1 criança indígena tem 2 vezes mais chances de morrer do que uma criança branca;
- 1 criança negra tem 25% a mais de chance de morrer antes de completar 1 ano de idade do que uma criança branca;

No que tange ao acesso ao sistema educacional, o relatório aponta quedas 530 mil crianças que estão fora da escola, 62% são negras. E, por fim, demonstra que 54% da população infantil é composta por crianças negras e indígenas, ainda assim é esse contingente infantil que é mais excluído que as crianças brancas.

Os dados descritos acima, coletados do relatório da UNICEF (2010), demonstram que as disparidades sociais presentes na sociedade Brasileira

(pobreza, acesso ao sistema educacional, expectativa de vida) demarcam de forma distinta as condições das crianças negras, brancas e indígenas e suas respectivas infâncias. Essa conjuntura dialoga com os conceitos descritos anteriores com base nos estudos do campo da sociologia da infância de Qvortrup (2011).

Esse contexto de desigualdade, juntamente com a escola, mídia, livros e práticas pedagógicas não emancipadoras afetam as crianças negras, indígenas e brancas que são impactadas e vivenciam esse panorama de desigualdade, ocasionando a criação a uma ilusão de que pessoas negras, indígenas e brancas devem ocupar lugares diferenciados na sociedade.

Neste sentido, a escola ocupa um papel central na contraposição de combater a desigualdade. O estudo pioneiro de Cavaleiro (1998), “Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil”, desenvolvido em uma escola de educação infantil em São Paulo, demonstra a transição do silenciamento da temática étnica e racial do lar até a unidade escolar, ao mesmo tempo em que demonstra a perversidade do ambiente escolar em perpetuar práticas discriminatórias. A obra também nos ajuda a refletir sobre a potencialidade do ambiente escolar em propor práticas que valorizem a promoção de uma educação que tenha a igualdade racial como premissa.

No estudo de Cavaleiro (1998) é possível identificar a percepção da problemática racial, a partir da voz das próprias crianças, como destacamos nos três excertos:

No parque. Shirley (negra) se aproximou de Fábio (branco) e o xingou de “besta”, e ele revidou. Letícia (branca) passou a participar da discussão, com vários xingamentos. Letícia e Catarina (negra), até então brincando juntas principiaram a se xingar também. Catarina disse a Letícia: “Fedorenta”, e este respondeu: “Fedorenta é você”. Catarina, então disse: “É você, tá! Letícia respondeu: “Eu não; sou branca, você é que é preta! Catarina ficou paralisada e não disse mais nada (CAVALLEIRO, 1998, p.35).

“Essa boneca é sua?”. Ela não teve tempo para responder, pois sua parceira (uma criança negra) disse: “É”. O pai dela comprou para ela porque ela é preta”. Perguntei então: “Você tem uma dessas?”. Ela respondeu: “Não! Eu não gosto de preta! Eu gosto assim de Branca!” (CAVALLEIRO, 1998, p.46).

Na sala de aula, a professora disse à Marisa (negra): “Você precisa falar para sua mãe prender o seu cabelo. Olha só que coisa armada.” E falou isso em tom alto, que pôde ser ouvido por todas as crianças (CAVALLEIRO, 1998, p. 28).

“Quem mandou você soltar esse cabelo? Não pode deixar solto desse jeito. Por que soltou? Ele é muito armado! Precisa ficar preso!” (CAVALLEIRO, 1998, p.28).

A presença da discriminação racial na interação aparece com os conflitos entre as crianças e também entre professoras e crianças. Outro ponto é em relação ao brincar que se configura em uma das principais linguagens da

educação infantil, no momento da rejeição de bonecas negras. E, por fim, a questão da linguagem negativa ao se referir à estética das crianças negras.

Os excertos destacados do estudo de Cavalleiro (1998) demonstram como o preconceito e a discriminação racial estão presentes no cotidiano da educação infantil perpassando os principais eixos que constituem o Currículo de Educação Infantil. O projeto “Viajando com Luana e Kiriku, uma aventura entre Brasil e África”, buscou dialogar de forma positiva com os eixos do currículo da educação infantil.

O projeto surgiu a partir do interesse demonstrado pelas crianças por super-heróis. Inicialmente as crianças solicitaram a docente mais informações sobre a Liga da Justiça. Realizamos então uma pesquisa sobre os super-heróis que faziam parte da Liga. Durante a roda de conversa, as crianças demonstraram-se bem empolgadas, mas questionaram o fato de ter apenas uma heroína na Liga da Justiça, composta por 9 super-heróis, todos homens. Outro aspecto que emergiu na roda de conversa foi o fato de não ter criança na Liga.

Diante desses questionamentos, foi feita uma provocação para as crianças: Será que existe criança super-heroína? Um dos alunos lembrou do desenho do Kiriku dizendo que ele era valente. Sendo assim, poderia ser um super herói. A turma já tinha assistido os filmes “Kiriku e a Feiticeira³” e “Kiriku e os Animais Selvagens⁴” (por duas vezes a pedido da própria turma) conversamos nos dias seguintes sobre o Kiriku ser ou não um herói e concluímos que sim, ele era um super-herói.

As crianças apontaram as características que faziam do Kiriku um herói. Segundo eles era a coragem, mesmo ele sendo pequeno, e a vontade de ajudar os outros.

Novamente as crianças foram provocadas pela professora, pois o Kiriku era um herói, mas era um menino. Será que existem meninas heroínas?

A proposta foi apresentar à turma uma menina heroína. Deste modo, conhecemos juntos “Luana, a menina que viu o Brasil Neném de FAUSTINO, MACEDO, (2000)”. Uma das primeiras falas das crianças ao observarem a capa foi de dizer que se tratava da cantora Ludmila. Embora tenha sido interessante a referência das crianças como uma cantora negra, ao mesmo tempo reproduz o estereótipo em relação a pessoas negras na sociedade brasileira, sempre condicionadas a determinadas profissões.

O livro “Luana, a menina que viu o Brasil Neném” relata a história de uma menina de 8 anos que revisita aspectos da história do descobrimento do Brasil, a partir de um olhar de uma criança e com as perspectivas da cultura afro-brasileira e africana e indígena. A menina Luana é capoeirista, aprendeu a luta como uma herança familiar, uma tradição que lhe foi passada. Luana possui um berimbau, que é um instrumento utilizado pelos capoeiristas. No

³ KIRIKU e a Feiticeira. Direção de Michel, OCELOT. França, Trans Europe Film, 1998

⁴ KIRIKU e os Animais Selvagens. Direção de Michel OCELOT. Bélgica, Les Armateurs, 2005.

entanto, o seu berimbau tem um poder especial: ele é um tele transportador que, sempre que é tocado, faz com que Luana se transporte para outro espaço físico. O livro foi trabalhado com a turma em partes, pois a obra é longa e contém muitas informações que precisavam ser tratadas de forma mais minuciosa com a turma. Concomitantemente à leitura foram desenvolvidas outras atividades.

A leitura do livro o “Cabelo de Lelê” BELÉM, (2012) foi realizada seguida de uma roda de conversa, cujo tema era as diferentes texturas de cabelo existente na nossa turma. Também falamos sobre as formas pejorativas de se referir ao cabelo As crianças apresentaram termos como “cabelo ruim” e “pixaim”. Discutimos e ressignificamos esses termos com os elementos apresentados pela história do cabelo da Lelê, destacando que todos têm o cabelo diferente e que ter o cabelo diferente não é um aspecto negativo.

Como continuidade dessa roda de conversa ouvimos a música: “Respeitem meus cabelos Brancos”, do Chico César⁵. Dialogamos sobre a história da música que descreve que a origem dos cabelos crespos vem da África, assim como também foi apresentado no livro Cabelo de Lelê, como produto final dessa roda de conversa construímos coletivamente um gráfico com as diferentes texturas de cabelo da turma.

Figura 1. Os Nossos Tipos de Cabelos.

⁵ CHICO CÉSAR. Respeitem meus Cabelos Brancos, Rio de Janeiro: Mza Music:2002.

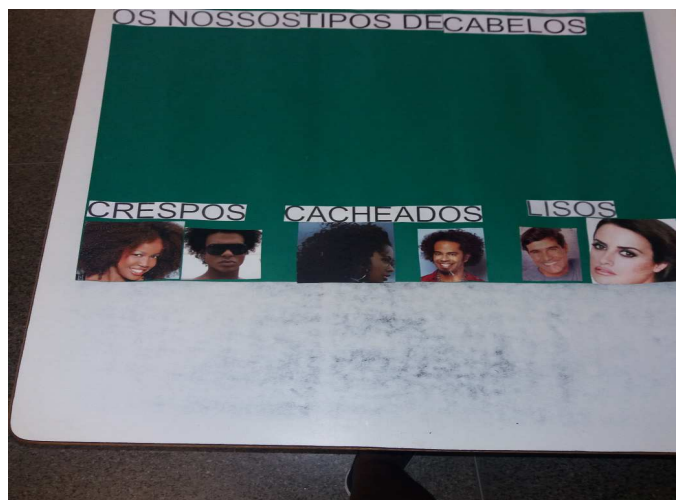
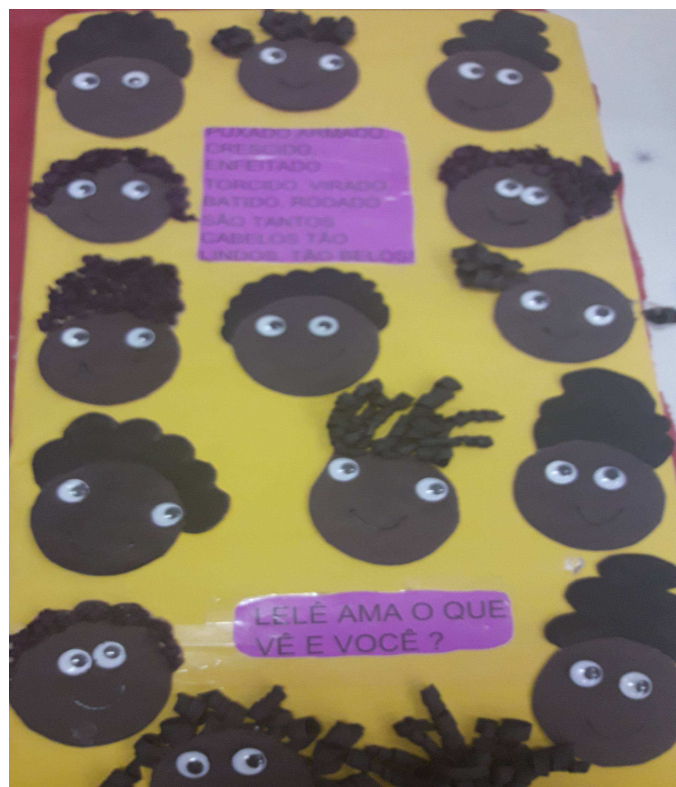


Figura 2. Os Cabelos de Lelê.



Ainda em relação a temática do cabelo realizamos a leitura do livro “As tranças de Bintou” e a turma construiu bonecas de papel semelhantes a personagem.

Figura 3. Bonecas Bintou



Na sequência do projeto, realizamos a atividade de autorretrato. Na ocasião muitas crianças negras procuraram o “lápiz cor de pele” para colorir o seu autorretrato, embora já tivesse sido realizado todo um trabalho em torno da questão racial, da representatividade de personagens negros. Diante desse desafio, realizamos uma atividade de recorte e colagem com a mediação da professora que apresentou às crianças figuras de pessoas as mais diversas possíveis e correspondentes ao espectro racial da turma. A atividade apresentou um bom resultado, pois, diferentemente da atividade do autorretrato, muitas crianças procuraram entre os recortes pessoas nas quais se viam representadas.

E, por fim, realizamos a escrita coletiva do encontro de Luana e Kiriku, o qual relata o encontro desses dois super-heróis. Durante o processo de elaboração, a professora foi a escriba. O grupo escreveu a história coletivamente, mas as ilustrações foram feitas em grupos seguindo o interesse das crianças de acordo com as partes da história que mais gostaram, conforme ilustram as imagens posteriores:

Figura 4. O encontro de Luana e Kiriku



Figura 5. O encontro de Luana e Kiriku



Figura 6. O encontro de Luana e Kiriku



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do projeto foi possível observar algumas mudanças nas crianças, a mais evidente foi em relação a questão estética, pois muitas meninas negras passaram a usar tranças e sempre que estavam com esse penteado faziam menção a figura da Luana, um aspecto que vale apontar é a dificuldade de obras que tragam meninos negros com padrões estéticos que valorizem os diferentes penteados afros (tranças, *dreads*, etc). Outro ponto importante foi em relação a convivência do grupo que tornou-se muito mais afetuosa, harmoniosa, sobretudo em relação a falas referentes a cabelo e/ou tratamento pejorativos sobre o fenótipo das crianças.

E, por fim ocorreu também uma pequena, mas notável mobilização entre as professoras de outras turmas da escola em torno da abordagem em suas atividades da temática étnico-racial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, GERCILGA. **Bruna e a Galinha d' angola**. 3.ed. Rio de Janeiro, Editora Didática e Científica e Pallas Editora, 2003.

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. São Paulo, IBEP, 2012.

BENTO. M. A. S. B. (Org.). **Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade - CEERT, 2011.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio Escolar**. (Dissertação de mestrado, FEUSP (1988).

CHICO CÉSAR, **Mama África**. Rio de Janeiro: Mza Music: 1996.

_____, **Respeitem meus cabelos Brancos**, Rio de Janeiro: Mza Music:2002.

DIOUF, Sylviane. **As tranças de Bintou**. 2ª. ed, São Paulo: Cosac Naify,2010.

OLIVEIRA, Fabiana. **Um estudo sobre a creche: o que as práticas produzem e revelam sobre a questão racial?** Dissertação de mestrado UFSCAR, (2007).

FINCO, D.; OLIVEIRA, F. A Sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de Educação Infantil. In: FARIA, A. L. G.; FINCO, D. (Orgs.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Coleção polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Educação Infantil: Práticas promotoras de igualdade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2012.

_____. **Parecer CNE/CP n.º 3/04**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

_____. **Parecer CNE/CEB n.º 2/07**, aprovado em 31 de janeiro de 2007. Parecer quanto à abrangência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

_____. **Parecer CNE/CEB n.º 20/09**, aprovado em 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

_____. República Federativa. **Lei Federal n.º 10.639/03**. Altera a Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

_____. **Resolução CNE/CP n.º 1**, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

PORTELA, Daniela Fagundes. **Iniciativas de Atendimento para crianças negras na Província de São Paulo (1871- 1888)**. Jundiaí, Paco Editorial:2016.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Educação Infantil - São Paulo: SME/COPEP**, 2019.

KIRIKU e os Animais Selvagens. Direção de Michel OCELOT. Bélgica, Les Amateurs, 2005.

KIRIKU e a Feiticeira. Direção de Michel OCELOT. França, Trans Europe Film, 1998